

MEMÓRIA, AFETOS E PAIXÕES EM *AULA DE INGLÊS* DE LYGIA BOJUNGA

Vanessa Borella da Ross - UEM

RESUMO

Buscar-se-á no presente artigo, investigar as relações entre memórias, afetos e (paixões) presentes no livro *Aula de Inglês* 2006, da escritora brasileira Lygia Bojunga. Outrossim, averiguar a importância da memória na construção da narrativa. O Método de pesquisa utilizado: leitura e análise do texto literário, com base nas teorias sobre memória.

Palavras-Chave: Memória; narrativa; Lygia Bojunga.

No princípio era o verbo. Na sequência a memória. Para que o verbo não caísse em esquecimento, ele necessitava de um auxílio: a memória. A humanidade e sua necessidade tanto individual quanto coletiva de conservar, arquivar, guardar memórias. Desse modo, a investigação acerca da memória remete a longínquo tempo. As diferentes áreas do saber a investigam como por exemplo: a psicologia, a sociologia, a história, a filosofia, o direito, as ciências humanas, etc. reforçando a ideia da importância de pesquisa acadêmica sobre a temática da memória, assim como sua validade dentro do contexto contemporâneo.

No tocante a filosofia, os estudos e sistematizações teóricas sobre a memória iniciam-se na Grécia e prosseguem até a atualidade. Platão utilizou a metáfora da cera: *Mnemosine* para explicar o funcionamento da memória. Para o filósofo, a memória pode variar de um indivíduo a outro, porém ela faz parte de todos os indivíduos. Lembrar remete a metáfora da cera: uma relação entre o que foi percebido e o que foi gravado na memória. A memória está relacionada com a alma.

No entanto, para Aristóteles, posterior a Platão, a memória necessita de materialidade para que possa produzir imagens e dessa forma: sentidos. Tanto Platão quanto Aristóteles defendem a característica armazenadora, arquivadora da memória. Distanciando-a de aura mítica que outros a atribuíam.

Aristóteles afirma:

A memória, então, não é nem sensação nem julgamento, mas é um estado ou qualidade (afeição, afeto) de um deles, quando o tempo já passou. Toda memória, então, implica a passagem do tempo. Portanto só as criaturas vivas que são conscientes do tempo podem lembrar, e elas fazem isso com aquela parte que é consciente do tempo. (ARISTÓTELES, 1986, p. 291).

Nesse pequeno recorte, sobre uma possível gênese da memória se faz necessário recorrer ao filósofo, Santo Agostinho, que se dedicou a investigação e em consequência, teorizou acerca da memória, ao redigir suas famosas confissões



XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH
Humanidades, Estado e desafios didático-científicos
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

Eis-me nos campos da minha memória, nos seus antros e cavernas sem número, repletas, ao infinito, de toda a espécie de coisas que lá estão gravadas, ou por imagens, como os corpos, ou por si mesmas, como as ciências e as artes, ou, então, por não sei que noções e sinais, como os movimentos da alma, os quais, ainda quando a não agitam, se enraizam na memória. (X, 17.26). [...]. Transporei, então, esta força da minha natureza, subindo por degraus até Àquele que me criou. Chego aos campos e vastos palácios da memória onde estão tesouros de inumeráveis imagens trazidas por percepções de toda espécie. (AGOSTINHO X, 8. 12).

Outro filósofo, escolhido para fazer parte desse recorte sobre a gênese da memória: é Friedrich Nietzsche. O alemão, afirma que é impossível que os homens vivam sem recordar, visto que, os costumes estão permeados de regras que são transmitidas as futuras gerações pela memória, pelo ato de recordar.

E válido acrescentar, a presente síntese de uma origem da memória, redigida aqui, que na antiguidade clássica grega a memória estava relacionada ao misticismo. Jean Pierre Vernant, estudioso da história grega, analisa a transformação que o sentido da memória sofreu no decorrer do tempo. De início místico, posteriormente o seu contrário. A memória não poderia mais ser explicada, através da mitologia:

Em uma série de documentos, de data, de origem e de alcance muito diversos, mas de orientação igualmente “mística”, encontramos o par Memória-Esquecimento, dessa vez no centro de uma doutrina de reencarnação das almas. No contexto destes mitos escatológicos *Mnemosyne* transformou-se. Não é mais aquela que canta o passado primordial e a gênese do cosmo. Força da qual depende o destino das almas após a morte, ela está ligada daqui em diante à história mítica dos indivíduos, aos avatares das suas encarnações sucessivas. Do mesmo modo, não é mais o segredo das origens que ela oferece às criaturas mortais, mas o meio de atingir o fim do tempo, de colocar um termo no ciclo das gerações. [...] A transposição de *Mnemosyne* do plano da cosmologia ao da escatologia modifica todo o equilíbrio dos mitos de memórias; se conservam os temas e os símbolos antigos, transformam profundamente o seu sentido (VERNANT, 1973, p. 80, grifos do autor).

A memória possui a capacidade de armazenamento, que, sob alguns aspectos, adentra o homem, no que diz respeito aos seus instintos, de acordo com Nietzsche. Aqui, não será realizado um estudo aprofundado sobre essa questão, visto que, o objetivo desse artigo, desemboca em uma proposta de leitura ou análise de um texto de literatura. Entretanto, considerou-se pertinente, uma pequena síntese de pontos relevantes à questão da memória e a filosofia.

O filósofo, defende que o esquecimento (o ato de esquecer) é um ponto essencial para que o homem logre uma melhora em sua saúde emocional (no sentido psicológico): Nietzsche em *Genealogia da Moral*, afirma:



XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH
Humanidades, Estado e desafios didático-científicos
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

O fato de que este problema esteja em grande parte resolvido deve parecer ainda mais notável para quem sabe apreciar plenamente a força que atua de modo contrário, a do esquecimento. Esquecer não é

uma simples *vis inertiae* [força inercial], como creem os superficiais, mas uma força inibidora ativa, positiva no mais rigoroso sentido, graças à qual o que é por nós experimentado, vivenciado, em nós acolhido, não penetra mais em nossa consciência, no estado de digestão [...] — eis a utilidade do esquecimento, ativo, como disse, espécie de guardião da porta, de zelador da ordem psíquica, da paz, da etiqueta: com o que logo se vê que não poderia haver felicidade, jovialidade, esperança, orgulho, presente, sem o esquecimento. (1998, p. 29, grifo do autor)

A síntese apresentada, sobre uma, dentre as possíveis gêneses da memória, dentro da história da filosofia. Entretanto, o presente artigo possui como foco as relações ou as possíveis relações entre literatura e memória, assim como exequíveis interpretações com base nela.

A literatura e a memória passeiam juntas desde muito tempo. Da poesia épica, da era helenista clássica, às biografias e autobiográficas, que estão sendo lançadas no mercado editorial, atualmente. Os exemplares literários são diversos, e há visível aumento de escritos que versam sobre memórias e suas vertentes.

Os seres humanos possuem necessidade de narrar memórias, tanto individuais quanto coletivas. Halbwachs, sistematizou conceitos a respeito da memória coletiva e individual: “[...]diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes (HALBWACHS, 2006, p. 69).

Os temas relacionados a memória dentro da literatura podem incluir: elucubrações no que concerne desempenho da mesma junto à imaginação e o fazer literário, relato de memórias individuais, traumas, memórias coletivas, a necessidade de preservação da memória e o esquecimento dentre inúmeros outros.

Henri Bergson, filósofo francês, pesquisou questões relativas a memórias. Associou memória a noção de percepção:

A memória, praticamente inseparável da percepção, intercala o passado no presente, condensa também, numa intuição única, momentos múltiplos da duração e, assim, por sua dupla operação, faz com que de fato percebamos a matéria em nós, enquanto de direito a percebemos nela (BERGSON, 2002, p. 77).

A importância e pertinência dos estudos de Bergson é corroborada por Le Goff, historiador e intelectual francês, em sua extensa sistematização sobre a história e a memória:

Para voltar à memória social, as convulsões que se vão conhecer no século XX foram, parece, preparadas pela expansão da memória no campo da filosofia e da literatura. Em 1896 Bergson publica *Matière et Mémoire*. Considera central a noção de "imagem", na encruzilhada



XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH
Humanidades, Estado e desafios didático-científicos
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

da memória e da percepção. No termo de uma longa análise das deficiências da memória (amnésia da linguagem ou afasia) descobre, sob uma memória superficial, anônima, assimilável ao hábito, uma memória profunda, pessoal, "pura", que não é analisável em termos de

“coisas”, mas de "progresso". Esta teoria que realça os laços da memória com o espírito, senão com a alma, tem uma grande influência na literatura. Marca o ciclo narrativo de Marcel Proust, *À la recherche du temps perdu* (1913-27). Nasceu uma nova memória romanesca, a recolocar na cadeia "mito-história-romance". (LE GOFF, 1990, p. 247, aspas e grifos do autor).

O livro que será analisado nesse trabalho, intitula-se *Aula de inglês*, 2006 da escritora brasileira Lygia Bojunga. Essa obra, por ser mais recente na produção bibliográfica da autora, não consta de muitos estudos e análises. Lygia Bojunga publicou o primeiro livro em 1972, intitulado *Os Colegas*. Esse livro é considerado pela crítica literária especializada, como destinado ao público infantil. Após o primeiro livro, a autora escreveu mais vinte livros até o ano de 2009. Cronologicamente, a sua obra possui visível evolução no que diz respeito a faixa etária de público leitor.

Os nove primeiros livros: *Os colegas* (1972), *Angélica* (1975), *A bolsa amarela* (1976), *A casa da madrinha* (1978) e *A corda bamba* (1979), *O Sofá Estampado* (1980), *Tchau* (1984), *O Meu amigo Pintor* (1987) e *Nós Três* (1987); são catalogados e destinados ao público infantil. Sobre eles é possível encontrar abundantes estudos (artigos, dissertações, teses), abarcando diversas teorias. Magalhães, 1984, uma das pioneiras em pesquisas e estudos referentes as obras de Lygia Bojunga, ressalta:

Na obra de Lygia Bojunga Nunes, a integração no contexto social depende da construção da identidade; esta não é uma dádiva pré-moldada, mas uma conquista penosa através de um processo psicossocial. Um aspecto é indissociável do outro, a interação na sociedade não pode ocorrer independentemente do conhecimento e assunção de si mesmo (MAGALHÃES, 1984, p. 146).

Sem embargo, os livros seguintes: *LIVRO um encontro com Lygia Bojunga* (1988), *Fazendo Ana Paz* (1991), *Paisagem* (1992), *Seis Vezes Lucas* (1995), *O Abraço* (1995), *Feito à Mão* (1996), *A Cama* (1999), *Retratos de Carolina* (2002), *Aula de Inglês* (2006), *Sapato de Salto* (2006), e *Dos Vinte I* (2007) e *Querida* (2009) a indicação de faixa etária leitora, pode ser questionada devido, aos novos temas que aborda, e configuração da narrativa.

No livro *Dos Vinte I* (2007), Bojunga comenta sobre seu processo de escrita e o público leitor:

[...] poucas vezes eu sei se o que eu escrevo é mais pra criança, é mais pra adolescente, ou mais pra adulto. Digo poucas vezes porque sempre achei que meus primeiros livros (*Os Colegas* e *Angélica*), positivamente, eram para crianças, uma vez que escrevi os dois tentando o tempo todo reconstituir o meu eu-criança, querendo me lembrar do que que eu fazia, do que que eu gostava, do que que eu imaginava. Em outras palavras: procurei dirigir aqueles dois livros



XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH
Humanidades, Estado e desafios didático-científicos
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

para o chamado mundo infantil. Mas, a partir do meu terceiro livro (A bolsa amarela), meu processo criativo foi se modificando e não tardou a se transformar de tal maneira, que nunca mais consegui distinguir na minha escrita uma intenção genuína de “querer alcançar” esse ou aquele público, essa ou aquela faixa etária. E nunca mais

soube de antemão o que eu ia escrever. De repente surge a necessidade de dar vida a uma personagem, a uma casa, a uma paisagem. Mas a que elas estão destinadas é uma senhora incógnita pra mim. É só no trabalho de cada dia que elas começam a se definir, apontando episódios que vão construir a história que, um dia, vai dar cara ao livro. (BOJUNGA, 2007, p. 15).

O último livro lançado por Bojunga, consta do ano de 2009, com o título de *Querida*. A escritora ao ser questionada em entrevista, sobre a faixa etária, de um possível leitor dessa obra, em específico, afirma: "Talvez até possa ser. Depende da criança..."¹. Marisa Lajolo e Regina Zilbermann pesquisadoras de literatura infanto juvenil brasileira, afirmam:

As personagens dessa autora vivem, no limite, crises de identidade: divididas entre a imagem que os outros têm delas e a auto-imagem que irrompe de seu interior, manifestando-se através de desejos, sonhos e viagens, os livros de Lygia registram o percurso do protagonista em direção à posse plena de sua individualidade. (LAJOLO e ZILBERMAN, 1985, p. 158).

Aula de Inglês 2006, de Bojunga traz como protagonista um professor de inglês com aproximadamente sessenta anos de idade. O personagem é apresentado como: “Professor”, com p maiúsculo, o livro não cita um nome próprio para designar esse personagem. A outra protagonista possui nome próprio, e chama-se: Teresa Cristina, uma jovem de dezenove anos, que durante dois anos, teve aulas de inglês com o Professor. Essas aulas ocorreram duas vezes por semana, na residência do Professor.

Em certo momento da narrativa, Teresa Cristina, comunica ao Professor, que realizará trabalho voluntário, para uma ONG (Organização não governamental), no continente africano, na cidade de Moçambique.

A partir da comoção causada pela decisão de viagem e mudança de Teresa Cristina, o Professor inicia uma longa reflexão em seu íntimo, procurando avaliar aspectos de sua vida, que não foram bem resolvidos, as ações com as respectivas consequências, a sua trajetória de vida, as decisões, que havia tomado até o momento, e possíveis traumas sofridos. Ademais, examina seus sentimentos. Dessa forma, percebe-se apaixonada por sua aluna.

O livro em análise, encontra-se dividido em duas partes: a primeira parte, apresenta uma parte da história do Professor, assim como a convivência entre ele e sua

¹ Retirado do site oficial da escritora. Disponível em: <<http://www.casalygiabojunga.com.br/pt/obras.html>>. Acesso em: 10 jan. 2016.



XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH
Humanidades, Estado e desafios didático-científicos
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

aluna Teresa Cristina. A segunda parte, a viagem do Professor para Londres, e os acontecimentos resultantes dela.

No início da narrativa, o Professor busca em suas memórias, a razão ou motivo pelo qual, exerce a profissão de professor de inglês, até o presente momento: “Eu nunca

escolhi ser professor; eu nunca me pensei professor. Eu comecei a dar aulas de inglês porque não estava mais conseguindo viver de fotografia.” (ADI, 2009, p. 12).²

Desse modo, Professor obtém seu sustento por meio das aulas de inglês que leciona. Ao longo das aulas com Teresa Cristina, inicia um relacionamento amistoso com ela. Por consequência, a aluna vislumbra no Professor, um amigo, alguém com mais experiência de vida, e com potencial a ser seu confidente. Teresa Cristina revela ao Professor: “– Eu ontem prometi ao senhor que ia contar por que que eu tô indo m’embora...” (ADI, 2009, p. 67).

O título do livro em discussão, *Aula de inglês*, atenta a uma possível sugestão, que nesse texto narrativo, as aulas não se compõem unicamente em um modo de aprender um novo idioma, ou novos conhecimentos de uma língua estrangeira, de uma forma prescritiva. Durante as aulas, conexões humanas são criadas, pelo diálogo, há troca de experiências entre os seres envolvidos, laços de afetos são formados durante convivência com o outro, dessa forma, poderá haver maior compreensão sobre o outro, a alteridade. Teresa Cristina, confirma:

– Aula de inglês muita gente dá, mas aula assim feito o senhor me deu esse tempo todo! Puxa vida, foi sorte demais que eu tive. Quantas vezes eu cheguei aqui mal-humorada, distraída, apavorada, e o senhor sempre tão gentil, tão sei lá! Dedicado; parecia que nem percebia quando eu não prestava atenção. – Envolveu ainda mais a mão aninhada do Professor. – Sabia que eu não vi o senhor olhar pro relógio cuidando da hora da aula? Acho que se eu quisesse ficar aqui a tarde inteira o senhor era capaz de nem dizer nada e ir tocando a aula pra frente. Desse jeito, eu tinha mais é que aprender a falar inglês. – As palavras faziam crescer a onda de ternura que tinha invadido Teresa Cristina: agora era a outra mão que vinha reforçar o aconchego em torno da mão do Professor... [...] O senhor foi sempre um ouvinte tão legal pra tudo que é coisa que deu desabafei... (ADI, 2009, p. 46/47).

A partir das aulas de inglês, o Professor e Teresa Cristina, constroem uma relação de afetividade, um aprende com o outro. O Professor mais velho, narra suas memórias a sua aluna. Teresa Cristina, apresenta ao Professor o encantamento e vivacidade advindos de sua juventude.

Outrossim, quando o Professor era criança, e sua tia Penny lhe dava aulas de inglês. Essas aulas, de igual modo, não eram de cunho unicamente prescritivo. Tia

² Todas as citações do livro “Aula de Inglês” referem-se a Bojunga, Lygia In: *Aula de Inglês*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2009 e serão seguidas, com número da página, ano e abreviação ADI.



XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH
Humanidades, Estado e desafios didático-científicos
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

Penny enquanto ensinava, narrava histórias a seu aluno, que agora, adulto narra suas memórias e histórias para sua aluna. A aprendizagem que fica na memória, além de um novo idioma, corresponde a uma aprendizagem de cunho existencial, humano, no sentido da formação desses personagens. Os laços afetivos permanecem na memória.

O professor conta histórias para Teresa Cristina, lembranças de acontecimentos já vivenciados, que recupera no presente, por meio da memória. O filósofo Henri Bergson, explica conceitos sobre memória, assim como seus funcionamentos: “[...] a

memória tem por função primeira evocar todas as percepções passadas análogas a uma percepção presente, recordar-nos o que precedeu e o que seguiu, sugerindo-nos assim a decisão mais útil”. (2002, p. 266). Pois, “[...] nossa memória escolhe sucessivamente diversas imagens análogas que lança na direção da percepção nova” (BERGSON, 2002, p.116).

Trechos de memórias do Professor, são evocadas. Assim, o personagem rememora paixões outrora sentidas, e o que esses afetos e sentimentos lhe deixaram na lembrança. Quando criança, aos onze anos, esse personagem, apaixonou-se por uma tia, chamada Penélope. Penélope era de naturalidade escocesa, veio conhecer o Brasil, terra natal de seu falecido esposo. Foi sua tia Penélope, apelidada de Penny, quem lhe ensinou o idioma inglês. Por ela sentiu sua primeira paixão, que guardou em suas memórias.

A paixão infantil sentida pelo Professor, por sua Tia Penny, é evidenciada no seguinte fragmento do livro:

Pra confessar o amor dele pela Penélope (e nem apercebeu que já tinha começado a pensar nela como Penélope) ainda tinha que esperar muitos anos. Ele era criança mas não era bobo: sabia muito bem que gente grande só leva sério esse negócio de amor se o outro é grande também. (ADI, 2009, p. 31/32)

Com sessenta anos idade, o Professor apaixonou-se por Teresa Cristina. Essa afeição, sentimento tornou-se parte importante, de um certo modo, até fundamental dentro de sua existência. O Professor confessa:

Mas, à medida que as terças e quintas se sucediam, a minha surpresa crescia ao sentir que, por trás da perfeição do seu rosto, de suas mãos, de seu corpo, pulsava uma emoção tão apaixonada quanto a revolta que você sente pela teima do Brasil não distribuir melhor sua fartura. Revolta que foi sempre um componente forte no encantamento que já faz tempo, eu reconheço como grande amor. (ADI, 2009, p. 58)

Pela lembrança, da paixão que sentiu por sua tia, o Professor percebe que no presente, encontra-se apaixonado por Teresa Cristina. A memória é fundamental nesse processo de reconhecimento de seus atuais sentimentos. Bergson, afirma que: “[...] a memória, isto é, uma sobrevivência das imagens passadas, estas imagens irão misturar-se constantemente à nossa percepção do presente e poderão inclusive substituí-la” (BERGSON, 2002, p. 72).

O Professor, durante sua viagem a Londres, busca em suas memórias, algum evento passado de sua vida, em que tenha se deixado arrastar por um sentimento, ao



XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH
Humanidades, Estado e desafios didático-científicos
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

ponto de sair de sua zona de conforto – zona essa, tão cara ao professor –. Constata que em sua fase adulta, é a primeira vez que a paixão o leva a cometer atos mais impulsivos. O Professor reflete:

E ele se pergunta: que Professor é esse que não dá mais tempo ao tempo? que não consegue mais esperar a poeira baixar, a emoção serenar? que não sabe mais frear os impulsos que vão um atrás do outro, empurrando ele, até fazer se apertar no cinto desta cadeira aqui não avião? que Professor é esse, meu deus?! À medida que o avião

ganha altura, o Professor se estranha mais e mais e começa a sentir saudades do Professor que toda vida ele foi.” (ADI, 2009, p. 126)

Após sua chegada na capital inglesa, o Professor sai em busca de Teresa Cristina, consegue informações sobre o local em que ela está, e a encontra em uma Ong em Londres, visto que ela está estagiando para conhecer o trabalho que fará em Moçambique: “O olho do Professor está grudado no relógio da parede. É hora da Teresa Cristina aparecer aí na porta, ele pensa; e o coração acelera.” (ADI, 2009, p. 129)

Em seguida, de seu encontro com Teresa Cristina, e da rejeição por ele sofrida, o Professor fica imerso em tristeza e sentimento de solidão: “[...] nunca na vida tinha sentido tamanha exaustão.” (ADI, 2009, p. 156)

Nesse ponto da narrativa, as memórias do professor serão acionadas com maior frequência. A memória para recuperar lembranças de afetos e paixões do passado. Bergson, explica como se dá a formação da lembrança através da memória:

Localizar uma lembrança não consiste também em inseri-la mecanicamente entre outras lembranças, mas em descrever, por uma expansão crescente da memória em sua integralidade, um círculo suficientemente amplo para que esse detalhe do passado aí apareça. (BERGSON, 2002, p. 281)

Dessa forma, o Professor, se concentra em suas memórias: “[...] o Professor se absorveu por completo num curioso exercício de memória [...]” (ADI, 2009, p. 160). O termo “memória” aparece reiteradas vezes na narrativa, em suas últimas cinquenta páginas: “Voltou também a curiosidade de localizar a cara na *memória*.” (ADI, 161, grifos meus), aqui há uma metáfora, pois, memória não é um ser vivente que possui um rosto, que possa ser localizado. Nesse sentido, o personagem busca relembrar um fato ocorrido guardado em suas memórias. Essa busca, essa rememoração, está ligada diretamente aos sentimentos, afetos e paixões sentidos por ele.

O Professor, se esforça para lembrar: “[...] no mesmo tempo o lampejo de *memória*, o Professor se viu olhando um cartão postal.” (ADI, 161, grifos meus). Bergson afirma: “Quanto mais me esforço por recordar uma dor passada, tanto mais tendo a experimentá-la realmente. Mas isso se compreende sem dificuldade, já que o progresso da lembrança consiste justamente, como dizíamos, em se materializar.” (2002, p. 159)

Nas seguintes passagens do livro, trechos em que a memória é evidenciada, corroborando a ideia da importância que a memória e sus aspectos correspondentes, possuem na construção dessa narrativa: “[...] E aí se seguia um número que a *memória*



XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH
Humanidades, Estado e desafios didático-científicos
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

do professor não conseguia resgatar. (161); [...] O Professor foi tomado por tão súbito interesse por aquele pedaço de *memória*... (162) [...]. Por mais que forçasse a *memória*, não conseguia se lembrar de mais nada do que dizia no cartão. Em compensação, se lembrou de, na época....(162); “[...] o Professor forçava a *memória* pra pescar, no mar de lembranças de uma vida, o retrato mental da tia Penny. 163 [...] deu rédea solta pras lembranças do passado que teimavam em voltar. (ADI, 163/164, todos os grifos são meus).” Nos trechos citados, há repetição de léxico referente a memória, em apenas três páginas do livro, reiterando o quanto essa temática é fundamental e se torna estratégia textual para a construção da narrativa.

Após, esse trabalho com a memória, o Professor, está mais apto, para analisar, fatos de seu passado, que de certa forma, o atrapalhavam em sua vida presente.

Em outro trecho do livro:

Mas eram as lembranças de uma torta, de um bolo, de uma história contada que se mostravam com mais nitidez. Aparecia também com clareza a trança amarrada com uma fita amarela. Mas os traços fisionômicos da tia Penny tinham se desmanchado ao sabor do tempo e, pra ela não ficar assim sem cara, a memória infligia em a ela a cara de Teresa Cristina. (ADI., 2009, p. 163).

A memória desse passado distante, está ligada diretamente as afetividades, emoções, e paixões, e precisou fazer uso de imagem para que tomasse forma, ou pudesse vir à tona, no tempo presente. A memória necessitou da imagem para criar significado. Bergson, explica como se dá essa relação entre memória, tempo e formação de imagem:

O que chamo meu presente é minha atitude em face do futuro imediato, é minha ação iminente. Meu presente é portanto efetivamente sensorio-motor. De meu passado, apenas torna-se imagem, e portanto sensação ao menos nascente, o que é capaz de colaborar com essa ação, de inserir-se nessa atitude, em uma palavra, de tornar-se útil; mas, tão logo se transforma em imagem, o passado deixa o estado de lembrança pura e se confunde com uma certa parte de meu presente. A lembrança atualizada em imagem difere assim profundamente dessa lembrança pura. A imagem é um estado presente, e só pode participar do passado através da lembrança da qual ela saiu. A lembrança, ao contrário, impotente enquanto permanece inútil, não se mistura com a sensação e não se vincula ao presente, sendo portanto inextensiva. (BERGSON 2002, p. 164).

Após o resgate de suas memórias afetivas, o Professor visita sua tia Penny em Londres. O livro ganha um tom todo afetivo e de cunho reflexivo. Permeado pelo lirismo. O Professor conta a sua tia a paixão que sentiu por ela. Sua tia, por sua vez, relembra de parte de sua história, e a forma que escolheu construir sua vida. A nostalgia se faz presente.



XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH
Humanidades, Estado e desafios didático-científicos
Londrina, 27 a 29 de julho de 2016

No final do livro, há dois epílogos. Bojunga esclarece o motivo, em um espaço criado por ela mesma, uma espécie de conversa franca com seu leitor: Pra você que me lê:

Aqui venho de novo, conversar contigo, neste espaço que é só nosso, pra te contar que na etapa final deste meu trabalho fiquei sem saber qual dos dois epílogos que eu tinha escrito pro livro eu devia escolher pra encerrar *Aula de inglês*. Os dois fecham a história mais ou menos da mesma maneira: já um tempo razoável decorrer desde a última cena do livro e as feridas passionais abertas nos meus personagens estão praticamente cicatrizadas. [...] concluí que quem devia escolher este ou aquele é você. (ADI, 213/214.)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. *Da memória e da reminiscência*. 1986.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- BOJUNGA, Lygia. *Aula de Inglês*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2009.
- _____. *Dos Vinte e 1*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2009.
- HALBWACKS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: História e Histórias*. São Paulo: Ática, 1985.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo: Unicamp, 1990.
- MAGALHÃES, Ligia Cademartori. *Literatura infantil brasileira em formação*. In: ZILBERMAN, Regina, MAGALHÃES, Ligia Cademartori. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1984. (Coleção Ensaios, 82).
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. In: Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1984. Livro X 7-26 (sobre memória); Livro XI (sobre o homem e o tempo).
- VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e pensamento entre os gregos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.